



## ARTIGO DE PESQUISA

### PERFIL DOS ALUNOS DE CURSO TÉCNICO DE ENFERMAGEM DE UMA ESCOLA PARTICULAR EM MINAS GERAIS

*STUDENTS' PROFILE OF A NURSING TECHNICAL COURSE FROM A PRIVATE SCHOOL IN MINAS GERAIS*  
*PERFIL DE LOS ESTUDIANTES DE CURSO TÉCNICO EN ENFERMERÍA DE UNA ESCUELA PARTICULAR EN MINAS GERAIS*

*Fabiane da Cruz Costa<sup>1</sup>, Eline Lima Borges<sup>2</sup>, Miguir Terezinha Vieccelli Donoso<sup>3</sup>*

#### RESUMO

No Brasil a Enfermagem é exercida por três categorias: o enfermeiro, o técnico e o auxiliar de enfermagem. Este trabalho teve como objetivo conhecer o perfil dos discentes de um curso Técnico de Enfermagem de uma escola particular em Minas Gerais. Trata-se de estudo descritivo, transversal com abordagem quantitativa, realizado em 2011. A amostra foi de 120 alunos matriculados nos diversos módulos do curso. Utilizou-se um questionário para a coleta de dados, que foram tratados com estatística descritiva. Os resultados mostraram que 87% dos estudantes eram do sexo feminino, 51,92% solteiros, 35% na faixa etária entre 20 e 25 anos e 53,84% não possuíam filhos. A maioria já trabalhava em áreas diversas, com renda mensal de um a três salários mínimos. O deslocamento entre residência-trabalho-escola ocorria no município onde está localizada a instituição de ensino. O conhecimento do perfil de alunos serve como estratégia na construção de projetos político-pedagógicos. **Descritores:** Educação em enfermagem; Escolas de enfermagem; Educação.

#### ABSTRACT

Nursing in Brazil is exercised by three categories: the nurse, the technician and the nursing auxiliary. This study aimed to understand the profile of the students of a Nursing Technician course from a private school in Minas Gerais. This is a descriptive study with cross-sectional quantitative approach, performed in 2011. The sample was composed by 120 students enrolled in the various modules of the course. We used a questionnaire to collect data, which were treated with descriptive statistics. The results showed that 87% of students were female, 51.92% single, 35% aged between 20 and 25 years and 53.84% had no children. Most have worked in several areas, with monthly income of one to three minimum wages. The trip between home-school-work took place in the city where the school is located. Knowing the profile of students serves as a strategy to build political pedagogical projects. **Descriptors:** Nursing education; Nursing schools; Education.

#### RESUMEN

En Brasil el oficio de enfermera es ejercido por tres categorías: la enfermera, el técnico y el asistente de enfermería. Este trabajo tuvo como objetivo conocer el perfil de estudiantes de un curso técnico de enfermería de una escuela particular en Minas Gerais. Es un estudio descriptivo, transversal, con modelo cuantitativo, realizado en 2011. La muestra fue de 120 estudiantes regulares en los diversos niveles del curso. Se utilizó un cuestionario para la recogida de datos, que fueron analizados con estadística descriptiva. Los resultados mostraron que 87% de los estudiantes eran del sexo femenino, 51,92% solteros, 35% de edad entre 20 y 25 años y 53,84% no tenían hijos. La mayoría trabajaba en áreas diversas, con la renta mensual de uno a tres salarios mínimos. La dislocación entre residencia-trabajo-escuela ocurría en la ciudad donde se localiza la escuela. El conocimiento del perfil de estudiantes sirve como estrategia en la construcción de los proyectos político-pedagógicos. **Descriptor:** Educación en enfermería; Escuelas de enfermería; Educación.

<sup>1</sup>Enfermeira pela Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, especialista em Gestão e Auditoria em Sistemas de Saúde pela Faculdade Oswaldo Cruz - Campus Belo Horizonte, especialista em Formação Pedagógica em Educação na Área da Saúde: Enfermagem - CEFPEPE/ UFMG. Enfermeira da Secretaria Municipal de Saúde de Betim. <sup>2</sup>Enfermeira pela Escola de Enfermagem da UFMG. Mestre em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da UFMG. Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo - USP - de Ribeirão Preto SP. Docente da Escola de Enfermagem da UFMG. <sup>3</sup>Enfermeira pela UFSC. Mestre em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da UFMG. Doutora em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina da UFMG. Docente do Departamento de Enfermagem Básica da Escola de Enfermagem da UFMG.

## INTRODUÇÃO

A Enfermagem tem registros ainda nas civilizações antigas com mulheres por meio das práticas tribais nos rituais de cura e o uso de ervas medicinais. As doenças, nesse tempo, eram vistas como um castigo para quem as tinha e seus familiares. Com o advento do cristianismo, o cuidar de enfermagem passou a ser uma forma de salvação da alma para obtenção da vida eterna, sendo praticada em hospitais católicos e por mulheres: monjas, diáconas, viúvas e virgens<sup>(1)</sup>.

Desde o início da Era Cristã e durante toda a Idade Média, o trabalho da enfermagem era pautado no modelo religioso, que se restringia à caridade e ao conforto da alma dos doentes. Mas, a partir do século XIX, na Inglaterra, a enfermeira Florence Nightingale configurou um outro processo de trabalho para a enfermagem, a partir das suas propostas de reorganização dos hospitais militares, implementadas durante a guerra da Crimeia. Além disso, essa enfermeira institucionalizou o ensino de enfermagem, criando a primeira escola de enfermagem, em 1860, que formava as *ladies nurses* para se responsabilizar pela administração dos hospitais e as *nurses* para prestar assistência aos pacientes<sup>(2)</sup>.

A institucionalização da enfermagem como profissão nessa época se caracterizou, dentre outros aspectos, pela divisão do trabalho, configurando diversos agentes na enfermagem. Esse processo vem marcado pelos aspectos da disciplina e da hierarquia<sup>(3)</sup>.

Com o passar dos anos, o processo de trabalho de enfermagem consolidou características da divisão técnica do trabalho, envolvendo três diferentes categorias: enfermeiro, correspondendo ao nível superior; técnico de enfermagem, correspondendo ao profissional de nível médio; e auxiliar de enfermagem, ao de nível fundamental.

A cada uma das categorias profissionais da enfermagem corresponde um processo de formação próprio, que pressupõe um conjunto distinto de atividades. No entanto, é escassa a literatura sobre as peculiaridades do trabalho dos agentes de nível médio de enfermagem, no qual estão inseridos os técnicos, concentrando-se a produção teórica na investigação do processo de trabalho do enfermeiro ou genericamente da enfermagem<sup>(4)</sup>.

O ensino profissionalizante de enfermagem passou por diversas mudanças nos últimos anos. Faz-se importante ressaltar que o ensino médio, no qual o técnico se situa, tem sido historicamente um dos níveis de mais difícil enfrentamento no que diz respeito a sua concepção, estrutura e organização, por conta da sua natureza de mediação entre a educação fundamental e a formação profissional.

Na década de 1970, a organização dos cursos profissionalizantes na área de enfermagem obedecia à Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971. Os cursos de auxiliar e de técnico de enfermagem, por meio dessa lei, passaram a integrar o sistema educacional do país nos níveis de 1º e 2º grau, respectivamente (hoje ensino fundamental e médio) e poderiam ser oferecidos como cursos regulares, organizados como currículo integrado (educação geral mais educação profissional) ou como supletivo (composto somente de matérias profissionalizantes). A partir de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, no capítulo dedicado à educação profissional, trouxe repercussões importantes para a estrutura dos cursos profissionalizantes de enfermagem, dentre elas, a separação da educação profissional do ensino médio. O Decreto n.º 2.208/97 possibilitou que os cursos tivessem organização própria e independente do ensino médio<sup>(5)</sup>. Esse novo itinerário de

profissionalização permitiu que os cursos pudessem ser oferecidos em módulos complementares e sequenciais, com caráter de terminalidade para efeito de qualificação profissional. Desta forma, os cursos de auxiliar de enfermagem foram operacionalizados no nível de ensino fundamental, isto é, após a conclusão deste e os de técnico, no nível de ensino médio, ministrado concomitante ou posterior a este nível de ensino.

O ensino profissionalizante em enfermagem deve assumir uma perspectiva técnica integrada a uma educação geral, oferecida num mesmo espaço, diminuindo o risco de uma formação minimalista e aligeirada. O momento atual requer releituras das legislações existentes no sentido de se eleger estratégias e possibilidades de mudanças coerentes, que contemplem as necessidades sociais, inclusive as de saúde, da maioria da população<sup>(6)</sup>.

A educação profissional, desde as suas origens, sempre foi reservada às classes menos favorecidas, estabelecendo-se nítida distinção entre aqueles que detinham o saber e aqueles que executavam as tarefas manuais. Ao trabalho, frequentemente associado ao esforço manual e físico, acabou-se agregando, ainda, a ideia de sofrimento. Havia pouca margem de autonomia para o trabalhador, uma vez que o monopólio do conhecimento técnico e organizacional era atividade inerente apenas aos níveis gerenciais. Essa realidade começa a mudar quando as empresas passam a exigir trabalhadores cada vez mais qualificados, com destreza manual agregada às competências de inovação, criatividade, trabalho em equipe e autonomia na tomada de decisões mediadas por novas tecnologias da informação<sup>(7)</sup>.

Mesmo com essas exigências do mercado de trabalho, a enfermagem convive com uma forma de aprendizagem tradicional e tecnicista, que não permite aos alunos uma

formação crítica e reflexiva. Os técnicos de enfermagem são formados, em sua maioria, sem a possibilidade de adquirir um conjunto de conhecimentos que lhes permita uma inserção no mercado de trabalho como agentes transformadores e que contribuam com o bem-estar social.

Todo processo educacional deve considerar as características do aluno, sendo que esse conhecimento auxiliará na elaboração e aplicação de metodologias de ensino e aprendizagem. O conhecimento do perfil do aluno é fundamental para o planejamento de uma escola, de um curso e de uma disciplina, indo de encontro a um melhor dimensionamento das ações a serem desenvolvidas. Ao mesmo tempo, os dados correspondentes ao perfil dos alunos são subsídios indispensáveis à produção de análises sobre a realidade escolar, exercício necessário para a autoavaliação institucional, bem como à formulação de políticas concernentes aos estudantes<sup>(8)</sup>.

O perfil do aluno ainda não é uma preocupação primordial dentro do ambiente escolar, especialmente na área de enfermagem. Poucas são as instituições que realizam estudos que busquem conhecer seu público-alvo.

O projeto pedagógico de cada escola/cursos deve ser coletivamente construído, gerando envolvimento e comprometimento de docentes, discentes, técnicos administrativos, profissionais dos serviços, administradores e instituições de ensino, serviços de saúde e usuários desses serviços. Esse envolvimento favorece a superação de resistências e possibilita a programação conjunta de ações que possam despertar para a formação de conceitos, delineamento de propostas, retroalimentação do processo, mudança ou reafirmação de paradigmas como condições para a construção da situação pretendida.

O conhecimento do perfil dos alunos da enfermagem como estratégia para a construção do projeto político-pedagógico se torna relevante por poder colaborar na formação com qualidade dos futuros técnicos de enfermagem, ou seja, profissionais críticos, reflexivos, criativos, com compromisso político e com capacidade de enfrentamento e transformação. Desta forma, este estudo teve como objetivo identificar o perfil dos alunos de um curso técnico de enfermagem de uma escola particular de enfermagem em Minas Gerais.

## MÉTODOS

Trata-se de estudo primário, quantitativo, descritivo e transversal. A coleta de dados foi realizada em uma escola técnica particular do município de Betim, MG. Esse município concentra na área da saúde uma rede de assistência ampla, sendo considerado pela Secretaria Estadual de Saúde um pólo microrregional em saúde. A saúde de Betim é composta por atendimento de baixa, média e alta complexidade. O município possui três hospitais (dois públicos e um privado) e diversas unidades básicas de saúde. No entanto, o mercado de trabalho para profissionais de saúde, nessa cidade ainda é restrito, sendo que estes procuram emprego nos municípios vizinhos.

A escola na qual a pesquisa foi realizada possui os cursos técnicos de enfermagem, radiologia, nutrição, patologia, meio ambiente e biotecnologia. É uma escola ampla, com salas bem estruturadas e com laboratórios bem equipados e está localizada na região central do município. O horário de funcionamento da escola se dá das 07h00min às 23h00min. O curso Técnico de Enfermagem é ofertado em dois períodos, matutino ou noturno. Está estruturado em três módulos: o módulo I corresponde ao núcleo básico da área de saúde (não confere terminalidade), o

módulo II corresponde à qualificação profissional de auxiliar de enfermagem e o módulo III corresponde à habilitação profissional de técnico de enfermagem. Para o ingresso na escola é preciso ter concluído o ensino médio, não existindo processo seletivo, ou seja, atende a demanda espontânea.

No período de realização da pesquisa, a Escola possuía seis turmas de técnico de enfermagem, sendo que a somatória dessas turmas perfaz uma população de 138 alunos regularmente matriculados e frequentes no curso. A amostra foi composta por 120 alunos, presentes em sala de aula no período da coleta de dados e que concordaram em participar do estudo, após esclarecimento de dúvidas. Todos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário composto por 18 questões, das quais seis eram abertas e 12 fechadas. O questionário continha variáveis temáticas relacionadas à situação demográfica e às características econômica, social, profissional e pessoal dos alunos.

A coleta de dados foi realizada por um dos pesquisadores durante um período de três dias consecutivos. Foi utilizado o início das aulas para a aplicação dos questionários, após conversa prévia e concordância do professor responsável pela turma de alunos em aula. Os dados coletados foram tabulados e analisados aplicando-se a estatística descritiva, tendo-se evidenciado os resultados em frequências absoluta e relativa, representados em tabelas e gráficos.

Este estudo primário faz parte de um projeto de pesquisa de maior dimensão, intitulado “Análise da implementação do CEFPEPE, ofertado em 2008, nos oito Pólos que compõem o Sistema UAB/MEC - UFMG”, aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG, pelo parecer nº ETIC 161/09. No dia 03 de agosto de 2011 foi aprovada -

pelo mesmo COEP - emenda que prevê a inclusão de novos sujeitos de pesquisa (turma 2010) e acréscimo do item 6 no “Perfil do candidato CEFPEPE” nesse projeto.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando-se as condições sócio-econômicas atuais do País e a disputa cada vez mais acirrada por uma vaga no mercado de trabalho e as mudanças ocorridas na legislação que regulamenta o exercício da

enfermagem, segundo a qual deixam de fazer parte do quadro de profissionais os indivíduos sem formação mínima, identificar o perfil sócio-demográfico dos estudantes de curso técnico de enfermagem é essencial para se pensar em mudanças de um projeto político-pedagógico de qualquer escola. Os dados referentes ao perfil sócio-demográfico dos participantes desta pesquisa encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1- Distribuição dos discentes de um Curso Técnico de Enfermagem do município de Betim segundo características sócio-demográficas. Betim, 2011.

CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DISCENTES	Frequência	%
<b>Gênero</b>		
Masculino	15	13,3
Feminino	105	86,7
Total	120	100,00
<b>Religião</b>		
Católica	67	55,83
Espírita	02	1,67
Evangélica	44	36,70
Outros	07	5,80
Total	120	100,00
<b>Idade (em anos)</b>		
<20	09	7,50
20-25	42	35,00
26-30	28	23,33
31- 35	11	9,17
35-40	14	11,67
41-45	07	5,83
46-50	09	7,50
>50	00	0,00
Total	120	100,00
<b>Estado Civil</b>		
Solteiro	62	51,92
Casado	42	34,63
Divorciado	16	13,45
Viúvo (a)	00	0,00
Total	120	100,00
<b>Número de filhos</b>		
0	65	53,84
1-3	51	42,31
Mais de 3	05	3,85
Total	120	100,00
<b>Tipo de residência</b>		
Própria	96	80,00
Alugada	17	14,00

Cedida	07	6,00
Total	120	100,00

Dos 120 participantes deste estudo, a maioria (86,7%) era do sexo feminino e com predomínio de jovens.

Quase a metade (42,50%) dos alunos pertencia ao grupo jovem, ou seja, com menos de 25 anos. Houve predomínio (35%) do grupo etário de 20 a 25 anos, seguido do grupo de 26 a 30 anos (23,33%). Porém, o que chama a atenção é o percentual de alunos com idade superior a 35 anos, que perfazem um quarto (25,04%) da amostra. Mais de 30% dos candidatos tinham idade acima de 30 anos, o que representa outro nível de comportamento e grau de responsabilidade, requerendo maior preparo do professor em relação ao desenvolvimento e uso das estratégias de comunicação.

Em relação ao estado civil, mais da metade (51,92%) estava solteira, 34,63% estavam casados e 13,45% estavam divorciados.

A opção dos alunos por religião e culto foi investigada e encontrou-se uma diversidade de respostas. A maioria (55,83%) dos alunos era católica e houve uma porcentagem considerável (36,70%) de evangélicos. Os demais alunos se denominaram espíritas (1,67%) ou de religião que não constava no questionário (5,80%).

Em relação à prole, pode-se observar que mais da metade (53,84%) dos alunos não

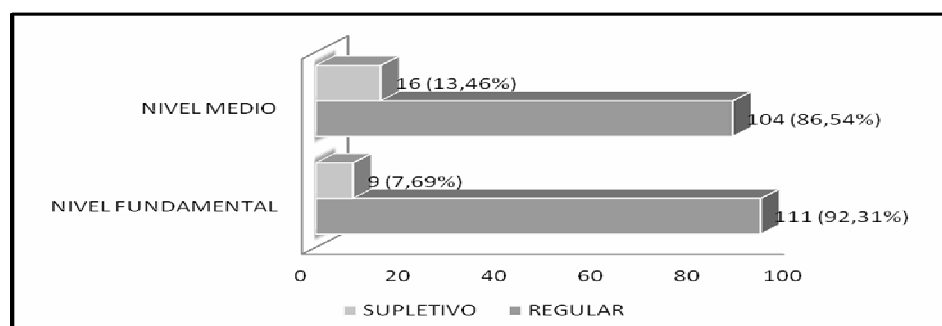
possuía filhos, seguida de 42,31%, que possuíam de um a três filhos. Destaca-se que a minoria (3,85%) tinha mais de três filhos. Considera-se este dado fundamental, em função do predomínio de mulheres nos cursos de enfermagem, e, por conseguinte, o número de filhos pode de alguma forma influenciar no tempo disponível para dedicação destas aos estudos.

Quando se analisou o dado relacionado ao tipo de moradia, constatou-se que a maioria (80%) dos alunos residia em casa própria, seguida por 14%, que moravam em residência alugada, e 6%, que moravam em locais que foram cedidos.

Ao se analisar os recursos de que os alunos dispunham na residência, observa-se que toda a casuística (100%) tinha televisão e telefone celular. A maioria também dispunha de telefone fixo (79%) e computador (87%). Um pouco mais da metade (63%) tinha acesso a internet, sendo que esta ferramenta na atualidade é de extrema importância para o processo de ensino aprendizagem, sendo muito útil na vida estudantil. A minoria contava com assinatura de jornais e/ou revistas (12%) e fax (2%).

Quanto ao tipo de formação escolar dos participantes da pesquisa, os dados encontram-se apresentados na Figura 1.

Figura 1- Distribuição dos discentes pelo tipo de formação no nível médio e fundamental. Betim, 2011.



Observa-se que a maioria dos alunos do curso de técnico de enfermagem pesquisado teve formação regular no nível fundamental (92,31%) e nível médio (86,54%). Destaca-se que três alunos já possuíam curso de graduação completo, sendo dois com formação em Serviço Social e um em Tecnólogo na Gestão de Recursos Humanos.

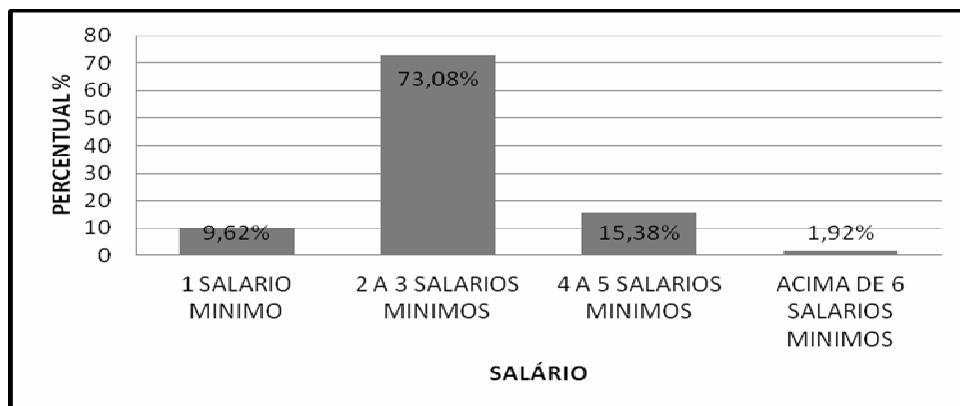
Buscaram-se também dados referentes à formação profissional dos alunos. Observou-se que a maioria (82,69%) dos alunos não possuía profissão formal e 17,31% da amostra já a possuíam. Esse dado retrata o interesse da população em procurar novas qualificações para melhorar a colocação no mercado de trabalho.

Dos alunos que possuíam uma profissão formal, as mais frequentes eram técnico em

administração (28,7%) e magistério (23,81%). A maioria tinha relação com área administrativa, não sendo necessariamente na área da saúde. Constatou-se que apenas uma profissão (técnico de laboratório) apresentava relação direta com a área da saúde. Dois possuíam curso de graduação, sendo esses Serviço Social e Gestão de Recursos Humanos.

No que se refere à faixa de salários dos estudantes, a Figura 2 apresenta a distribuição dos mesmos por faixa salarial.

Figura 2- Distribuição do percentual dos discentes por nível salarial. Betim, 2011.



Constata-se que a renda familiar da maioria (73,08%) dos alunos concentrava-se na faixa de dois a três salários mínimos. Destaca-se que a minoria (1,92%) tinha renda acima de seis salários mínimos. Os demais alunos tinham renda de quatro a cinco salários mínimos (15,38%) ou um salário mínimo (9,62%). Os dados comprovam que mais de 70%

dos alunos estavam classificados como brasileiros de classe média.

A pesquisa incluiu a avaliação dos alunos entrevistados em relação ao curso, quanto à classificação dos conhecimentos adquiridos e campos de estágio. Os resultados encontrados estão apresentados na Tabela 2.

Tabela 2-Distribuição dos alunos com relação a avaliação da escola. Betim, 2011.

Avaliação da Escola	Discentes	
	n	%
<b>Classificação do conhecimento adquirido</b>		
Ruim	00	00,00
Regular	09	7,68
Bom	64	53,87

Ótimo	42	34,69
Excelente	05	3,76
Total	120	100,00
<b>Classificação dos estágios</b>		
Muito aproveitável	28	23,30
Pouco aproveitável	18	15,38
Nada aproveitável	02	1,70
Ainda não fez estágio	72	59,62
Total	120	100,00

Ao se avaliar o grau de satisfação dos alunos quanto ao conhecimento adquirido, constatou-se que a maioria (92,32%) estava satisfeita com o resultado alcançado. Aproximadamente a metade (53, 87%) considerou bom o conhecimento adquirido e apresentaram as seguintes justificativas:

*“Os professores são bons e a escola possui uma boa estrutura para o ensino.”*

*“A forma de ensino dos professores é boa.”*

*“O companheirismo dos professores ajuda muito no ensino.”*

*“A metodologia de ensino da escola é muito boa.”*

Cerca de um terço (34,69%) dos alunos classificou os conhecimentos adquiridos como ótimos e os depoimentos mais frequentes foram:

*“O material didático é muito bom e os professores bem qualificados.”*

*“A escola passa para os alunos uma segurança boa.”*

*“Os professores são grandes amigos e conseguem passar muita confiança.”*

*“Conhecimentos adquiridos com qualidade.”*

Dos que avaliaram a aquisição do conhecimento de forma positiva, poucos a classificaram como excelente (3,76%), acrescentando as seguintes justificativas:

*“A escola é muito bem estruturada e tem excelentes professores.”*

*“O material didático que a escola fornece é excelente e ajuda muito na aprendizagem.”*

*“A escola passa para os alunos um bom conhecimento.”*

*“Os professores ajudam muito.”*

Ressalta-se que poucos alunos avaliaram de forma negativa o conhecimento adquirido durante a realização do curso, inclusive não houve quem o classificasse como ruim. A minoria (7,68%) o classificou como regular, sendo algumas das justificativas:

*“As matérias são dadas em pouco tempo e é muita matéria.”*

*“Dificuldade de aprender.”*

*“Escola ruim e professores ruins.”*

*“Falta incentivo por parte da escola e escola com poucos recursos físicos.”*

Em relação ao ensino clínico - neste trabalho denominado como estágio - mais da



metade (59,62%) dos alunos não havia realizado estágios no momento da coleta de dados, restando portanto 48 alunos, representando 40,38% da amostra com experiência em estágio. Desses, mais da metade (58,3%) o avaliou como muito aproveitável justificando:

*“Durante o estágio tivemos muita prática.”*

*“Os locais de estágio foram muito bons, tínhamos um professor à disposição e dando todo apoio necessário.”*

*“Tivemos muita prática no estágio, pude aprender muito com os professores e os funcionários do hospital.”*

*“Foi um ótimo momento para esclarecimentos de dúvidas daquilo que aprendemos em sala de aula.”*

Destaca-se que uma parcela considerável (37,5%) avaliou o estágio como pouco aproveitável e 4,2% disseram que não foi nada aproveitável. Alguns alunos apresentaram as seguintes justificativas:

*“Não tivemos muito contato com os pacientes.”*

*“Os alunos não são bem recepcionados no local de estágio.”*

*“Os professores deixam a desejar, pois não acompanham direito o estágio.”*

Quanto aos alunos que consideraram o estágio nada aproveitável, foram apresentados os seguintes argumentos:

*“Locais de estágio muito ruim.”*

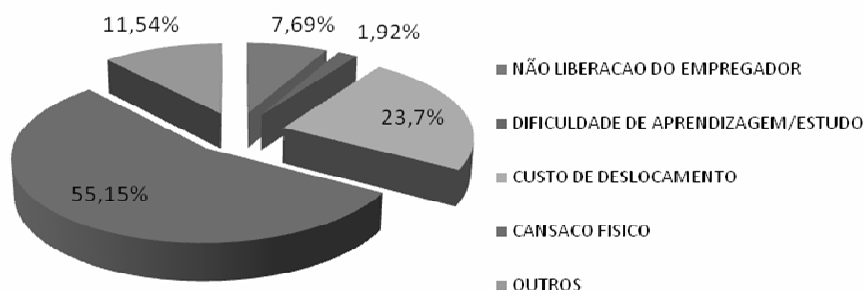
*“Professores não acompanham bem e local de estágio ruim.”*

*“Local de estágio precário, sem recursos para aprender qualquer coisa.”*

*“Nos locais de estágio não tivemos nenhuma aplicação prática do que aprendemos em sala de aula.”*

Buscaram-se também as dificuldades enfrentadas pelos alunos para a realização do curso. Os resultados obtidos encontram-se na Figura 3.

Figura 3- Distribuição do percentual dos discentes com relação a dificuldade de fazer o curso. Betim, 2011.



Quando se avaliaram as dificuldades enfrentadas durante a realização do curso de técnico de enfermagem, observou-se que as

três mais citadas foram o cansaço físico, o custo de deslocamento e a não liberação do empregador. A primeira foi a dificuldade mais

frequente, citada por mais da metade (55,15%) dos alunos, a segunda foi citada por quase um quarto (23,7%) e a terceira por 7,69% dos participantes. Destaca-se que uma pequena percentagem (1,92%) de alunos relatou a dificuldade de aprendizagem como fator dificultador para a realização do curso e 11,54% verbalizaram outros motivos, dentre

eles, as condições financeiras e dificuldade com os horários.

Foram investigadas as áreas do curso pelas quais o aluno demonstra maior interesse. No questionário foram apresentadas seis áreas de atuação para que os alunos pudessem optar. Esse resultado é apresentado na Tabela 3.

Tabela 3- Distribuição do percentual dos discentes com relação a afinidade na área de atuação de enfermagem. Betim, 2011.

Área de atuação da enfermagem	Discentes	
	N	%
Ambulatórios	12	9,62
Centro cirúrgico	12	9,62
Clínica médica	28	23,08
Maternidade	23	19,23
Pediatria	36	30,76
Unidade de saúde/UBS	07	5,77
Outros	02	1,92
Total	120	100,00

Diversas são as áreas de abordagem nos cursos técnicos de enfermagem, mas, ao se analisar a afinidade dos alunos, constatou-se que a maioria (82,69%) demonstrou preferência por unidades hospitalares. Observou-se que houve predominância (30,76%) na escolha da pediatria, seguida da clínica médica, que obteve um percentual de 23,08%. Ainda na instituição hospitalar, a maternidade e o centro cirúrgico foram escolhidos por 19,23% e 9,62% dos alunos, respectivamente.

Alguns alunos (15,39%) optaram por outras áreas de atuação, isto é, cenários fora do ambiente hospitalar, sendo os ambulatórios escolhidos por 5,77% dos alunos e as unidades básicas de saúde por 1,92%.

Sobre a atividade laboral dos alunos, no momento da coleta de dados e no passado, observaram-se variadas profissões e ocupações referidas. No momento da pesquisa, os entrevistados trabalhavam como copeiro, técnico em laboratório, agente de

higienização, agente de saúde, auxiliar administrativo, recepcionista, agente de endemias, operador de produção, auxiliar de costura, atendente/balconista, proprietária de loja, caixa, oficial de apoio, educador social, manicure e cuidadora de crianças. Quanto às ocupações do passado, os entrevistados já trabalharam como auxiliar administrativo, agente de saúde, operador de produção, soldador, caixa, vendedora/atendente, cuidadora do lar e professora.

Apenas 19 (15,83%) alunos afirmaram nunca ter trabalhado. Os demais alunos (101) citaram profissões ou ocupações diversificadas, sugerindo que encontram-se em constante processo de mudança na busca de melhores condições profissionais e financeiras.

Alguns alunos exerciam atividades relacionadas à área da saúde, como, por exemplo, técnico em laboratório, agente de higienização, agente de saúde e agente de

endemias. Outras atividades, mesmo que desempenhadas em instituições de saúde, não tinham relação com a assistência direta a pacientes, como copoeiro na instituição hospitalar e auxiliar administrativo e recepcionista na atenção básica de saúde.

Quando se avaliou o deslocamento dos alunos em relação a residência-trabalho-escola, pôde-se observar que 85 alunos (70,83%) residiam, trabalhavam e estudavam em Betim. Os demais 35 alunos (29,16%) se deslocavam mais por estudar em Betim e morar em outra localidade, sendo que alguns ainda moravam e trabalhavam em localidades distintas, como por exemplo alunos que residiam em Igarapé, trabalhavam em São Joaquim de Bicas e estudavam em Betim.

Ao se analisar as expectativas dos alunos em relação ao término do curso, observa-se que muitos têm expectativas em comum. Almejam conseguir um bom emprego, conseguir ajudar a família, ser bom profissional da saúde e ser aprovado em concurso público na área da enfermagem.

A predominância de sexo feminino da amostra reproduz a característica histórica da enfermagem, profissão exercida quase que exclusivamente por mulheres. Ao se retomar aspectos históricos e sociais, pode-se dizer que a enfermagem nasceu como um serviço organizado pela instituição das ordens religiosas. Sua trajetória coexiste com o cuidado doméstico associado à figura de mãe, curandeira e detentora de saber informal de práticas de saúde, transmitido de mulher para mulher. A enfermagem brasileira, organizada e estruturada pelo paradigma "nightingaleano", desenvolveu-se como uma profissão feminina, assim reconhecida em qualquer espaço da sociedade<sup>(9)</sup>.

No que se refere à idade dos alunos, lembramos que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) considera população jovem as pessoas que se encontram

na faixa etária de 15 a 24 anos<sup>(10)</sup>. Dessa forma, a maioria dos alunos do curso em questão era constituída por jovens. Porém, chama a atenção o percentual de alunos com idade superior a 35 anos, que perfaziam um quarto da amostra. Esse dado coincide com estudo elaborado sobre perfil de alunos de curso profissionalizante, porém da área tecnológica. Os autores observaram uma clientela jovem, com mais de 30% dos alunos na faixa etária entre 18 e 20 anos, sendo também relevante o número de alunos acima de 30 anos, com a faixa etária de 31 a 40 anos representada pelo percentual de 21%. Acredita-se que muitos desses alunos não tiveram a oportunidade de estudar na juventude em função de trabalho ou de outras responsabilidades<sup>(11)</sup>.

Quanto ao estado civil, o percentual de alunos solteiros foi de quase 52%, ou seja, mais da metade da casuística. Leva-se em consideração que a maioria dos alunos era jovem e possivelmente priorizava o estudo nessa etapa de vida. O casamento na contemporaneidade continua desejado, embora não esteja entre os principais projetos de vida dos jovens. Atualmente, é compreendido mais como algo que pode acontecer a qualquer momento, do que como um objetivo que as pessoas estejam buscando e pelo qual estejam dispostas a lutar para alcançar<sup>(12)</sup>.

A identidade religiosa foi questionada por se levar em consideração algumas práticas inerentes à religião, como, por exemplo, aquelas que não permitam aulas ou atividades laborais aos sábados. Observou-se que 55,83% dos respondentes eram católicos, sendo que os demais se declararam evangélicos ou espíritas. Em pesquisa sobre religião e espiritualidade no ensino e na assistência de enfermagem, as autoras destacam que a religião ocupa um lugar privilegiado na história da enfermagem brasileira. As mesmas

consideram que, em relação à religião e a enfermagem, “uma chega a ser porta-voz da outra” na formulação de ideias, conceitos e até mesmo na consolidação de atitudes que influenciam a formação e o exercício profissional dos enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem. A enfermagem tem o cunho religioso como parte de sua história<sup>(13)</sup>.

A maioria dos alunos não tinha filhos, embora mais de 42% tivessem de um a três filhos. Identificar o número de filhos é mais um dado atrelado às questões de gênero, pois a predominância de mulheres nos cursos de enfermagem e de técnico de enfermagem é uma realidade. Por tradição, a mulher é responsável pelo cuidado e educação dos filhos e, por vezes, poderá estar ausente ou necessitará abandonar as aulas<sup>(14)</sup>.

Sobre o tipo de residência, a maioria dos alunos tinha residência própria, o que se considera uma vantagem na vida estudantil, uma vez que, para esses respondentes, o pagamento de aluguel poderia comprometer boa parte da renda familiar. Destaca-se também que a maioria tinha renda de dois a três salários mínimos.

Para melhor detalhar as condições sócio-econômicas, pesquisaram-se os recursos didáticos e de comunicação existentes no domicílio. Pouco mais da metade possuía acesso à internet, sendo esse recurso de grande importância para alunos de qualquer área, pois os avanços e a disseminação do uso das tecnologias de informação e comunicação descortinam novas perspectivas para a educação à distância com suporte em ambientes digitais de aprendizagem acessados via internet<sup>(15)</sup>. Entretanto, todos dispunham de telefone celular. Provavelmente devido ao custo elevado da assinatura da linha de telefonia fixa, o telefone celular passou, inclusive, a ser o único telefone em muitos lares brasileiros<sup>(16)</sup>. Destaca-se que poucos

alunos assinavam jornais ou revistas, o que se considera preocupante, pois é por meio da leitura que o indivíduo constrói uma visão reflexiva e crítica da realidade na qual está inserido<sup>(17)</sup>.

A formação escolar básica - aqui considerada a de nível fundamental e a de nível médio - foi regular na maioria dos casos. Poucos respondentes referiram ter cursado o nível fundamental na modalidade de supletivo. No nível médio, essa modalidade foi cursada por um percentual maior. Relembra-se que a maioria da casuística era composta por alunos jovens e que, no Brasil, o supletivo possui duas características básicas: lidar com alunos mais velhos e ser um programa de educação acelerada, reduzindo o tempo mínimo para que o aluno consiga o grau almejado<sup>(18)</sup>.

Interessante também o fato de que três alunos eram graduados, sendo dois destes em Serviço Social e um em Tecnologia na Gestão de Recursos Humanos. A proximidade entre as áreas de Serviço Social e de Enfermagem é relatada em pesquisa realizada em 2008, que discorre sobre nexos entre profissões femininas na área da saúde, no Brasil<sup>(19)</sup>.

Ressalta-se que, quanto às atividades laborais, observaram-se as mais diversas profissões ou ocupações dos respondentes. Alguns trabalhavam na área da saúde (técnico em laboratório, agente de saúde e agente de endemias). Alguns ainda possuíam formação técnica em administração ou em magistério. No entanto, independentemente da formação, a maioria desempenhava atividades em áreas totalmente diferentes da área cursada, inclusive não se detectaram alunos que já trabalhassem como auxiliar de enfermagem. Dessa forma, constatou-se que não havia alunos com experiência prévia no cuidado de pessoas, tônica da profissão enfermagem.

No que diz respeito à satisfação dos alunos com o ensino clínico (estágio), a maior

parte relatou como muito aproveitável. Os estágios curriculares são muito importantes por constituírem cenários de aplicação do conhecimento, do aperfeiçoamento de habilidades ou de ambos<sup>(20)</sup>. É no estágio que ocorre a junção do saber com o fazer, que conduz a um agir profissional mais consciente, crítico e reflexivo.

Quase todos os alunos se referiram ao conhecimento adquirido no decorrer do curso de forma positiva, ou seja, consideraram-no bom, ótimo ou excelente. Esses dados sugerem motivação dos alunos em seu processo de aprendizagem. A motivação dos estudantes que ingressam em um curso de enfermagem ou técnico de enfermagem é fundamental, pois estarão inseridos em um mercado que, no Brasil, encontra-se cada vez mais competitivo<sup>(20)</sup>.

O conhecimento das dificuldades dos alunos para a realização do curso pode favorecer a escola na sua avaliação de prioridades. A relação entre a escola e seu alunado deve estar pautada no conhecimento recíproco de facilitadores e de dificultadores no processo de ensino e aprendizagem. Neste estudo, observou-se que a grande maioria dos respondentes relatou o cansaço físico como a maior dificuldade, retratando a realidade de muitos estudantes brasileiros, que, antes de irem para escola, têm uma longa jornada de trabalho. O ingresso no mercado de trabalho e a conclusão da escola são considerados elementos fundamentais da inserção social do jovem no mundo adulto<sup>(21)</sup>. Parcela significativa da população jovem no Brasil precisa trabalhar para ajudar no sustento da família. Dessa forma, a escola deve buscar alternativas para que os alunos percebam o estudo como algo prazeroso, minimizando as consequências de um exaustivo dia de trabalho no desenvolvimento das atividades didáticas.

Questionados sobre a área de maior identificação no curso, observou-se que a maioria dos alunos manifestou preferência pela área hospitalar. Lembra-se que, atualmente, a enfermagem pode ser exercida em várias esferas, dentro e fora do hospital, tais como clínicas, empresas, laboratórios, centros de saúde e serviços de atendimento pré-hospitalar, dentre outros. No entanto, parece ainda haver maior identificação dos alunos com o ambiente hospitalar. O hospital pode ser reconhecido como uma das mais complexas organizações já concebidas, investindo no avanço tecnológico e na capacidade para atender novos e diferentes problemas de saúde<sup>(22)</sup>. Acredita-se que essa questão possa influenciar o aluno no seu imaginário profissional, vislumbrando o hospital como principal opção para o exercício da futura profissão.

Analisando-se o deslocamento dos alunos, sendo considerado o trajeto residência-trabalho-escola, a maioria fazia todo o deslocamento dentro de Betim, município onde está localizada a escola. Para a instituição, esse fato é positivo, pois esses alunos não enfrentam as intercorrências do trânsito difícil da capital e cidades adjacentes, minimizando questões de estresse ou de atraso para as aulas, além do cansaço físico e mental.

Os alunos foram também questionados sobre expectativas para o final do curso, sendo as respostas variadas. Constatou-se que muitas eram as expectativas, porém, a maior parte deles almejava ser um bom profissional e ter um bom emprego. Muitos se referiram aos futuros salários como forma de ajudar a família e de dar melhores condições de vida aos filhos. Chamou-nos a atenção o fato de que, no universo de 120 respondentes, apenas dois alunos fizeram menção aos pacientes, sendo que o paciente constituirá o alvo de seus futuros trabalhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento do perfil sócio-econômico dos alunos e as expectativas em relação a sua formação e realização profissional são dados que podem subsidiar discussões relativas ao processo de ensino-aprendizagem e do relacionamento docente-discente. O perfil dos alunos também pode ser um instrumento e uma estratégia de pactuação e construção de consenso para formulação e implementação de políticas públicas entre gestores, agentes, executores e formadores.

Percebeu-se uma relação entre a caracterização dos discentes e a adequação do processo educacional, cuja abordagem tem a dimensão de subsidiar na elaboração e aplicação de um projeto político-pedagógico coerente com o sujeito desse processo, adequando-o à realidade das necessidades de saúde da população.

Há maior número de publicações científicas abordando alunos de graduação em enfermagem, não somente no que se refere ao perfil sócio-econômico, mas também nos significados e expectativas. Sobre alunos de curso técnico, percebeu-se uma lacuna na literatura.

Portanto, analisar o perfil dos alunos de curso técnico de enfermagem é percorrer o fio da história da enfermagem como profissão. Investigar as tendências e perspectivas, continuidades e rupturas dos hábitos dos futuros profissionais é revelar mais do que as características intrínsecas dos alunos analisados. É estabelecer, por meio destas informações, a conexão entre escola e aluno, subsidiando assim uma formação de qualidade.

## REFERÊNCIAS

- 1- Borestein MS. Fundamentando o exercício profissional de enfermagem. 2a ed. Florianópolis: NFRISPB, CCS-UFSC: 1997. 315 p.
- 2- Spagnol CA. (Re)pensando a gerência em enfermagem a partir de conceitos utilizados no campo da Saúde Coletiva. *Ciênc. saúde coletiva*. 2005;10(1):119-27.
- 3- Peduzzi M, Anselmi ML. O processo de trabalho de enfermagem: a cisão entre planejamento e execução do cuidado. *Rev. bras. enferm.* 2002;55(4):392-8.
- 4- Peduzzi M, Anselmi ML. O auxiliar e o técnico de enfermagem: categorias profissionais diferentes e trabalhos equivalentes. *Rev. bras. enferm.* 2004;57(4):425-9.
- 5- Bagnato MHS, Bassinelo GAH, Lacaz CPC, Missio L. Ensino médio e educação profissionalizante em enfermagem: algumas reflexões. *Rev. Esc. Enferm. USP*. 2007;41(2):279-86.
- 6- Urbano LA. As reformulações na saúde e o novo perfil do profissional requerido. *Rev. enferm. UERJ*. 2002;10(2):142-5.
- 7- Kobayashi RM, Leite MMJ. Formação de competências administrativas do técnico de enfermagem. *Rev. latinoam. enferm.* 2004;12(2):221-7.
- 8- Santos CE, Leite MMJ. Perfil do aluno ingressante em uma universidade particular da cidade de São Paulo. *Rev. bras. enferm.* 2006;59(2):154-6.
- 9- Lopes MJML, Leal SMC. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. *Cad. Pagu*. 2005;24:105-25.
- 10- Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (Brasil). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Educação e trabalho. 2012. [acesso em 20 Ago. 2012]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.
- 11- Costa FLM, Paulo Sobrinho F, Dias IEF. O perfil dos alunos do PROEJA: o que pensam e o

que desejam [trabalho de conclusão de curso]. Fortaleza: Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará; 2007. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/3/tcc\\_operfil.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/3/tcc_operfil.pdf)

12- Falcke D, Zordan E. Casamento e Sexo: Opinião de Adultos Jovens Solteiros. *Arq. bras. psicol.* 2010;62(2):143-55.

13- Gussi MA, Dytz JLG. Religião e espiritualidade no ensino e assistência de enfermagem. *Rev. bras. enferm.* 2008;61(3):337-84.

14- Guitton B, Figueiredo N, Porto I. A passagem pelos espelhos: a construção da identidade profissional da enfermeira. Niterói: Intertexto; 2002. 162 p.

15- Almeida MEB. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. *Educ. Pesqui.* 2003;29(2):327-40.

16- Balbani APS, Krawczyk AL. Impacto do uso do telefone celular na saúde de crianças e adolescentes. *Rev. paul. pediatr.* 2011;29(3):430-6.

17- Di Nucci EP. Letramento: algumas práticas de leitura do jovem do ensino médio. *Psicol. esc. educ.* 2002;6(1):31-8.

18- Anuati Neto F, Fernandes R. Grau de cobertura e resultados econômicos do ensino supletivo no Brasil. *Rev. Bras. Econ.* 2000;54(2):165-87.

19- Aperibense PGG, Barreira IA. Nexos entre Enfermagem, Nutrição e Serviço Social, profissões femininas pioneiras na área da Saúde. *Rev. Esc. Enferm. USP.* 2008;42(3):474-82.

20- Barbosa TLA, Gomes LMX, Reis TC, Leite MTS. Expectativas e percepções dos estudantes do curso técnico em enfermagem com relação ao mercado de trabalho. *Texto & contexto enferm.* 2011;20(n. esp.):45-1.

21- Andrade MN, Araujo LCA. Estágio curricular: avaliação de experiência. *Rev. bras. enferm.* 1989;42(1/4):27- 41.

22- Mattos E, Chaves AM. Trabalho e escola: é possível conciliar? A perspectiva de jovens aprendizes baianos. *Psicol. ciênc. prof.* 2010;30(3):540-55.

23- Silva Erdmann, Cardoso RS. O sistema de enfermagem hospitalar: visualizando o cenário das políticas gerenciais. *Rev. eletrônica enferm.* [periódico na Internet]. 2008 [acesso em 2012 Dez 12] 10(2):448-59. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n2/v10n4a29.htm>

**Recebido em: 11/03/2013**

**Versão final em: 16/04/2013**

**Aprovação em: 20/04/2013**

**Endereço de correspondência**

Miguir Terezinha Viecelli Donoso

Endereço: Rua Castelo de Évora, 203, Castelo.

Cep 31330.330 Belo Horizonte, MG.

E-mail: miguir@enf.ufmg.br